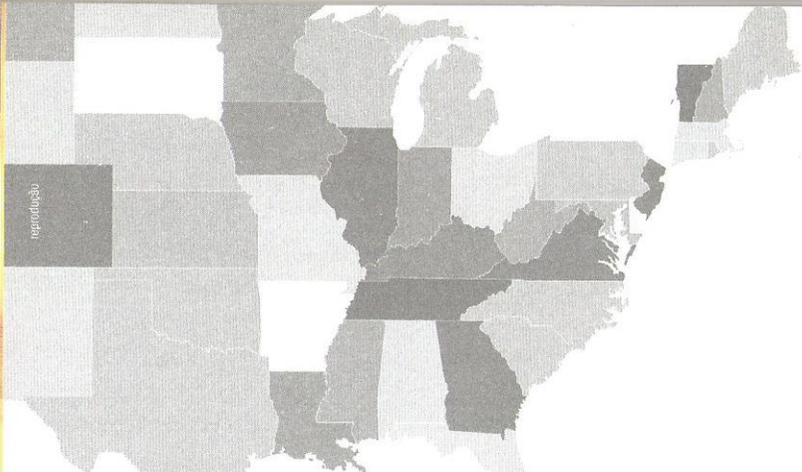


THORNTON – U.S.A.

“Algo aconteceu comigo. Eu estou louco pela América e eu quero ir pra casa’, Wilder escreveu a [Gertrude] Stein em Outubro. ‘Sim, eu estou louco pela América. E você contribuiu com isto em mim, também... (...) Eu sempre soube que eu o amava [meu país], mas eu nunca soube que eu o amava dessa forma.’ Stein não ganhou todo o crédito pelo patriotismo de Wilder, porém. Mais cedo na mesma década ele tinha chamado a si próprio de o neto de Walt Whitman e enfaticamente tinha articulado o seu amor pelos Estados Unidos”.

(Trecho extraído do livro Thornton Wilder: a Life, de Penelope Niven, Ed. Harper, 2012).

“O problema comigo é que eu não posso estar com minha alma feliz fora do meu amado U.S.A. e isto é um fato” (Thornton Wilder).



“Quando Karl Rossmann, um jovem de dezessete anos que fora mandado para a América por seus pobres pais, porque uma empregada o seduzira e tivera um filho seu, entrou no porto de Novayork a bordo do navio que já diminuía sua marcha, avistou a estátua da deusa da liberdade, que há muito vinha observando, como que banhada por uma luz de sol que subitamente tivesse se tornado mais intensa. O braço com a espada erguia-se como se tivesse recém se elevado, e em torno à sua figura sopravam os ares livres.”

(Franz KAFKA. O Desaparecido ou Amerika. 3a ed. São Paulo: Editora 34, 2012).

“O desejo oculto dos pobres não é ‘A cada um de acordo com suas necessidades’, e sim ‘A cada um de acordo com seus desejos’. E, ainda que seja verdade que a liberdade chega apenas para aqueles cujas necessidades foram atendidas, também é verdade que ela foge daqueles que se dedicam a viver para seus desejos. O sonho americano, como os séculos XIX e XX sob o impacto da imigração em massa vieram a entender, não era o sonho da Revolução Americana – a fundação da liberdade –, nem o sonho da Revolução Francesa – a libertação do homem; era, infelizmente, o sonho de uma ‘terra prometida’ onde correm rios de leite e mel. E o fato de que o desenvolvimento tecnológico moderno pôde tão cedo realizar este sonho para além das mais loucas expectativas teve o efeito naturalíssimo de confirmar aos sonhadores que realmente tinham vindo morar no melhor de todos os mundos possíveis”.

(Hannah ARENDT. Sobre a Revolução. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011).

Do grande poeta WALT WHITMAN, o poema “ODE À DEMOCRACIA”:

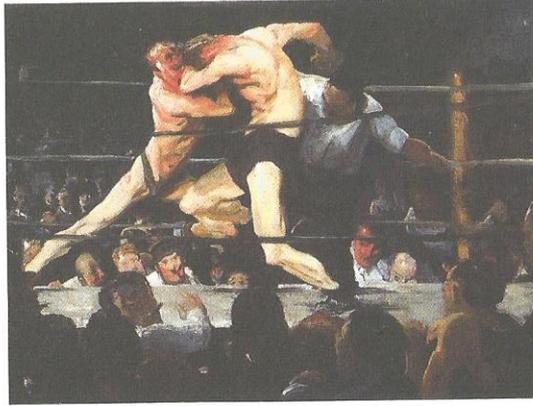
“Por ti ó Democracia
 Vem, tornarei o continente indissolúvel,
 Farei a mais esplêndida raça sobre a qual o Sol jamais brilhou,
 Farei divinas terras magnéticas,
 Com o amor dos camaradas,
 Com o duradouro amor dos camaradas.
 O companheirismo eu plantarei denso
 como árvores ao longo de todos
 Os rios da América e ao longo das
 margens dos grandes lagos e por todas
 as pradarias,
 Farei cidades inseparáveis
 Cada uma com os braços em volta do
 pescoço da outra,
 Pelo amor de camaradas,
 Pelo másculo amor de camaradas.
 A ti, isto de mim, ó Democracia, afim de
 servi-la, ma femme!
 A ti, a ti estou trinando estas canções”.

GEORGE BELLOWS (1882-1925)

Bellows George Dempsey and Firpo _ 1924

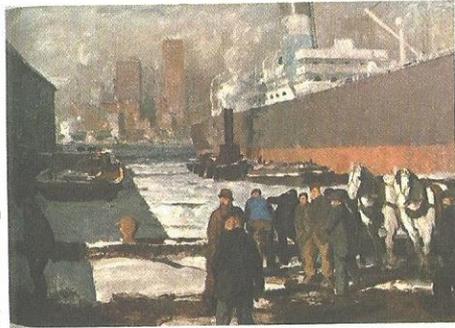


Forty Two Kids _ 1907



Stag Night at Sharkey's _ 1909

Men of the docks _ 1912



EDWARD HOPPER (1882-1967)

People in the Sun _ 1960



Pennsylvania Coal Town _ 1917



Automat _ 1927



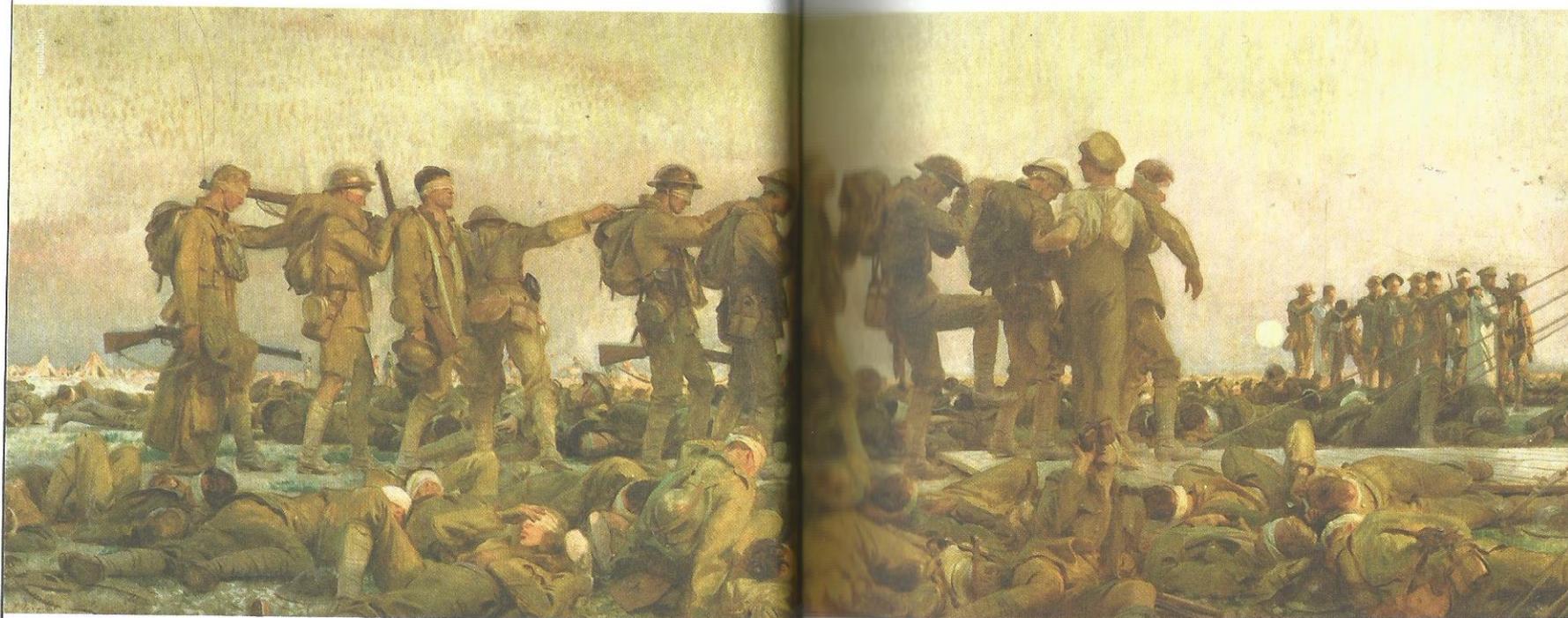
Summertime _ 1943

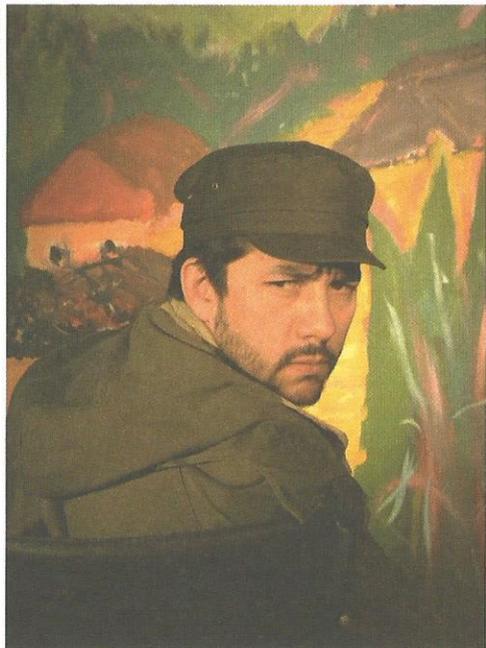
QUERIDA AMÉRICA: CARTAS DO VIETNÃ

"Querido Bill, retorno a esta parede negra mais uma vez para ver e tocar o seu nome, 1.051, William R. Stocks. E ao fazê-lo pergunto-me se alguém já percebeu que ao lado do seu nome nesta parede negra está o coração da sua mãe... Um coração que foi partido 15 anos atrás, quando você perdeu a sua vida no Vietnã. E vendo o seu nome, eu penso que muitas e muitas vezes eu costumava perguntar o quanto medo e saudades você deve ter sentido naquele país desconhecido chamado Vietnã. E se e como ele poderia ter te transformado, o rapaz mais tranquilo do mundo, raramente triste ou infeliz. E até o dia que eu morrer eu vou vê-lo sorrindo pra mim, mesmo quando eu estava com raiva de você, e quando eu notava, já estávamos rindo juntos. Mas neste último dia de Ano Novo, eu telefonei para um amigo seu de Michigan que passou com você seu último Natal e os últimos quatro meses da sua vida. Jim me disse como você morreu, ele estava lá e viu o acidente do helicóptero. Ele me contou como o seu

trabalho era pra ser um chamariz. Ele me disse que o trabalho de vocês era dirigir o inimigo para áreas abertas e, em seguida, enviar as armas pesadas e os aviões para tomarem conta. Ele me contou como depois de um tempo estando lá, em vez de medo homens tornavam-se apenas cruéis. Cada dia era pior e os homens tornavam-se mais cruéis. Todos, exceto você, Bill. Ele me contou como você permaneceu o mesmo rapaz tranquilo que você era quando chegou ao Vietnã. Ele me disse como você, de todo mundo, nunca deveria ter sido aquele que morreu. Como ele teve sorte de ter tido você como amigo e como você teve sorte de tê-lo também. Dizem que as cartas que eu escrevo para você e deixo aqui neste monumento estão fazendo outras pessoas perceberem que ainda há muita dor pela Guerra do Vietnã. Mas isso eu sei: Prefiro ter tido você por 21 anos e toda a dor envolvida na perda, do que nunca ter tido, Mãe".

(Trecho do documentário Querida América: Cartas do Vietnã – Dear America – Letters Home from Vietnam, 1987, Dirigido por Bill Couturié).





“É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. É cada vez mais frequente que, quando o desejo de ouvir uma história é manifestado, o embaraço se generalize. É como se estivéssemos sendo privados de uma faculdade que nos parecia totalmente segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências.

Uma das causas desse fenômeno é evidente: as ações da experiência estão em baixa. E tudo indica que continuarão caindo em um buraco sem fundo. Basta olharmos um jornal para nos convenceremos de que seu nível está mais baixo que nunca, e que da noite para o dia não somente a imagem do mundo exterior mas também a do mundo moral sofreu transformações que antes teríamos julgado como absolutamente impossíveis.

Com a guerra mundial começou a tornar-se manifesto um processo que desde então segue ininterrupto. Não se notou, ao final da guerra, que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha; não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável? E o que se derramou dez anos depois, na enxurrada de livros sobre a guerra, nada tinha em comum com uma experiência transmitida de boca em boca. E não havia nada de anormal nisso. Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmentidas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela batalha material e a experiência moral pelos governantes. Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos encontrou-se debrigada, numa paisagem em que nada permanecera inalterado, exceto as nuvens e, debaixo delas, num campo de forças de torrentes e explosões destruidoras, o frágil e minúsculo corpo humano”.

“(…) o narrador é um homem que sabe dar conselhos ao ouvinte. Mas, se ‘dar conselhos’ soa hoje como algo antiquado, isto se deve ao fato de as experiências estarem perdendo a sua comunicabilidade. Em consequência, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros. Aconselhar é menos responder a uma pergunta do que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está se desenrolando. Para obter essa sugestão, seria necessário primeiro saber narrar a história (sem contar que um homem só é receptivo a um conselho na medida em que verbaliza a sua situação). O conselho tecido na substância da vida vivida tem um nome: sabedoria. A arte de narrar aproxima-se de seu fim porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção. Mas este é um processo que vem de longe. E nada seria mais tolo do que ver nele um ‘sintoma de decadência’, e muito menos de uma decadência ‘moderna’. Ele é muito mais um sintoma das forças produtivas seculares, históricas, que expulsam gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo, conferindo, ao mesmo tempo, uma nova beleza ao que está desaparecendo”.

(Walter BENJAMIN. “O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, in: Obras Escolhidas, vol I: Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. 8ª ed. Revista. São Paulo: Brasiliense, 2012).

“Não posso mais esconder de vocês que estou escrevendo a peça mais bonita que se pode imaginar,” escreveu Wilder a Stein e Toklas em 13 de setembro de 1937. Ele havia terminado dois atos, contou-lhes. ‘É uma pequena peça contendo todos os grandes assuntos; e é uma grande peça com todas as pequenas coisas da vida amavelmente gravadas em si.’ Ele a descreveu como ‘uma imersão, imersão em uma cidade como New Hampshire. Chama-se ‘Nossa Cidade’ e seu terceiro ato é baseado em suas ideias, como em grandes pilares, e, saibam vocês ou não, até segunda ordem, vocês já estão colaborando profundamente.’

Algumas das ideias que serviram de ‘grandes pilares’ para o terceiro ato de *Nossa Cidade* talvez tenham sido provocadas ou ratificadas nas conversas entre Wilder e Stein, aumentadas por sua leitura, em 1937, de *A Construção dos Americanos* (1925), uma vasta saga familiar que, como Stein proclamava, oferecia uma descrição de ‘todo aquele que é, ou foi, ou vai ser’. (...) Wilder também observou que Stein estava explorando a metafísica da repetição, uma ideia que o preocupava persistentemente em seu próprio trabalho. Desde seu período de estada romano Wilder era fascinado pela repetição de eventos universais e temas em vidas individuais. (...) Wilder era intrigado pela visão do ser repetindo os padrões universais, enquanto Stein era mais atenta à ideia do ser repetindo o ser. Enquanto trabalhava em sua peça na Suíça em 1937, Wilder foi assombrado pelos ‘grandes fantasmas de Nietzsche.’ Independentemente de Stein ter lido Nietzsche - como o fazia Wilder avidamente - essas ideias sobre repetição evocam o conceito de Nietzsche de eterna recorrência ou eterno retorno, ‘ligados, não a uma repetição do mesmo, mas ao contrário, a uma transmutação’.”

(Trecho extraído de *Thornton Wilder: a life*, de Penelope NIVEN. 1ª ed. Harper, 2012).

Emílio Lusi

